

Psicologia existencial-fenomenológica: o saber filosófico e a produção científica

Ana Paula Chaves*, Shirley Macêdo* e Viviane Mendonça*

Na tentativa de compreender o lugar epistemológico da Psicologia Existencial-Fenomenológica, torna-se necessária a contextualização filosófica dos pressupostos que embasam a sua visão de homem e de mundo e que repercutem em seu fazer científico. Neste sentido, tenta-se articular o entendimento do Existencialismo e da Fenomenologia com a Psicologia. Ressalta-se o envolvimento intersubjetivo do psicólogo existencial-fenomenológico com o sujeito de seus estudos. A partir disso, conclui-se o caráter processual destes estudos, visto que o saber filosófico lhes garante uma produção científica voltada a uma constante abertura ao devir dos significados do existir humano.

Palavras-chave: Psicologia, existencialismo, fenomenologia, ciência.

Abstract

Existential-Phenomenological psychology: philosophical knowledge and scientific production

Trying to understand epistemological place of the Existential-phenomenological psychology, becomes necessary the philosophical contextualization of the premise of its human and world views, what has repercussion in its scientific production. In this sense, one try articulate the understanding of the Existentialism and of the Phenomenology with the Psychology. Emphasizing the intersubjective involvement of the psychologist with the subject of his studies. Arising from that, one conclude the processual character of these studies, because the philosophical knowledge warrant them a scientific production looking for a constant opening to the processuality of meanings of the human existence.

Key words: Psychology, existentialism, phenomenology, science.

Falar de uma abordagem Existencial-Fenomenológica em Psicologia requer, antes de tudo, um retorno ao campo da Filosofia - um campo inicialmente negado pela Psicologia quando esta se propôs a se tornar científica, buscando em seu fazer o método das ciências da natureza. E após este retorno, tentar lançar um olhar sobre o psiquismo e o mundo social em que ele se expressa, numa *Weltanschauung* (visão de mundo) existencial-fenomenológica.

Para se ter a compreensão da Fenomenologia e do Existencialismo faz-se necessário conhecer a origem etimológica das palavras "fenômeno" e "existência", e saber de que forma estes termos inserem-se no contexto da filosofia, tendo em vista que a *logia* e o *ismo* colocados nestas palavras referem-se

à primazia do estudo destes conceitos dentro de um pensar.

A palavra Fenomenologia significa o estudo do fenômeno. Esta, por sua vez, vem da expressão grega *fenomenon* e deriva do verbo *faínestai*, que quer dizer mostrar-se a si mesmo, aparecer, tornar-se manifesto, visível em si mesmo. A partir desta definição, pode-se dizer que todo aquele que se propõe a descrever aquilo que aparece ou estudá-lo, ou se deter em sua ciência, é chamado de fenomenólogo.

Porém, não é qualquer Fenomenologia que será tratada aqui, mas uma certa Fenomenologia, aquela que diz respeito a um determinado momento filosófico da história da civilização ocidental.

Um dos primeiros filósofos a utilizar o termo Fenomenologia foi Kant. Na verdade, em seu pensamento, a Fenomenologia era muito mais crítica do que um estudo do aparecer (do fenômeno). Ele criticava a pretensão do conhecimento de atingir o fenômeno, pois este é limitado pelo Ser ou o Absoluto, não podendo jamais prevalecer sobre o conhe-

* Mestrandas em Psicologia Clínica da PUCAMP. Apoio CNPq/CAPES.

Endereço para correspondência: Rua Álvaro Antônio Zini, 418, Jd. Chapadão, CEP 13066-150, Campinas, SP, FONE: (019) 243-2485.

cimento destes. Porém, é com Hegel que o termo Fenomenologia entra definitivamente na tradição filosófica. Para ele, o Absoluto é cognoscível e a Fenomenologia é, então, uma filosofia do Absoluto ou do Espírito, ou seja, é uma retomada do caminho que o Espírito percorre ao longo da História, não como algo exterior à experiência humana, mas presente em cada momento desta experiência — no movimento dialético da *negação da negação* para a *superação*, que se torna o motor da História.

Contudo, não é a Fenomenologia como concebida por Kant e Hegel que interessa aqui, mas a Fenomenologia que se desenvolveu no século XX e que se refere a um dos movimentos contemporâneos do pensamento filosófico. Pode-se dizer que esta Fenomenologia foi iniciada por Edmund Husserl. Para ele, o sentido do ser e o fenômeno não podem ser dissociados; e o que ele propõe não deixa de ser uma ontologia (ciência do ser). A partir de Husserl, muitos outros fenomenólogos baseados em seu pensamento surgiram, e muitos outros pensadores sofreram sua influência direta e explícita, mesmo quando não eram conhecidos como fenomenólogos; como por exemplo, os existencialistas contemporâneos.

Não se pode afirmar que o Existencialismo seja uma Fenomenologia, tendo em vista haver filósofos que antecederam Husserl (como Kierkegaard e Nietzsche), que em suas idéias se pode encontrar uma identificação direta ao que é denominado Existencialismo.

Existencialismo é uma teoria que coloca como primazia a *existência* humana. Mas o que é existência? Para entender este conceito é preciso diferenciá-lo de um conceito oposto, a *essência*. A essência é tudo aquilo que o ser é, suas características. A essência não é um puro nada, ela se torna possível graças à existência — a existência é aquilo que atualiza a essência. A filosofia existencialista preocupa-se com o singular, o concreto, a existência; diferentemente da filosofia clássica (ou essencialista) que dá primazia à essência, ao universal das coisas.

É com base nessas duas perspectivas que se define também a produção de conhecimento científico. Uma perspectiva que procura investigar as características comuns das coisas, a essência univer-

sal; e outra que enfatiza a existência daquilo que existe, ou aquilo que possibilita a manifestação de sua essência.

Quando se refere a uma Psicologia Existencial-Fenomenológica, está-se falando de uma Psicologia que dá primazia à existência de seu objeto de estudo, ao ser humano, a fim de alcançar os significados de seu Ser através do método fenomenológico.

Contextualização histórica do existencialismo e da fenomenologia

Os problemas filosóficos são sistematizados com base em uma argumentação lógica, um pensamento intuitivo e pela reflexão racional. A sistematização, ou melhor, as tentativas de sistematização filosófica “*aparecem como aquilo que se modifica com o tempo*” (Stegmüller, 1977:2).

Desta forma, para entender qualquer pensamento filosófico que fundamenta uma postura epistemológica (ou um enfoque de conhecimento e pesquisa), é necessário que tenhamos clareza quanto ao momento histórico e cultural em que esse pensamento se origina e se desenvolve, ou seja, a qual homem histórico ele se refere e problematiza.

O Existencialismo e a Fenomenologia surgiram numa época em que o Projeto Iluminista da Modernidade encontrava-se em evidência, prometendo um futuro mais fácil e inovador para a humanidade em nome de uma ciência positivista. O cogito cartesiano “*penso, logo existo*”, amplamente difundido na época moderna, apontava para a primazia do aspecto racional do humano, considerando-o como critério de valor dos comportamentos do homem e de suas idéias. A desrazão é rechaçada como algo que deveria ser evitado por não ser humano, mas animal. O pensamento, a razão, era o que definia a humanidade do homem.

O conhecimento científico, nessa época, respaldava-se na crença em uma razão onisciente, que proporcionaria a segurança de um mundo consensual, onde existiam verdades absolutas a serem encontradas. No entanto, este modo de conhecimento científico esbarrava numa dificuldade: as verdades cientificamente encontradas começavam a ser questionadas no âmbito próprio da Ciência, superadas ou, até mesmo, invalidadas. O consenso

buscado pelo Projeto Iluminista em nome de uma ciência positivista começava a se tornar um objetivo quase impossível — ou seja, não mais havia verdades absolutas nas quais o homem pudesse se respaldar em suas posições diante do mundo; aquilo que se acreditava como verdade já não o era, ou poderia não mais ser. Nesse contexto, tudo se tornava incerto e frustrante para o sujeito moderno na sua busca de um sentido real para a humanidade e o mundo. Havia o desencantamento das promessas que a Razão havia trazido em reação ao modo medieval e antigo de existir, levando o sujeito moderno e, conseqüentemente, a Ciência, a entrar em crise.

A crise das ciências se deu ao se perceber que as verdades científicas estavam desvencilhadas do mundo da vida (*Lebenswelt*), ou seja, havia um divórcio que o filósofo Edmund Husserl (1859 - 1938) definia como a transformação da objetividade das ciências em *objetivismo*. O objetivismo é a ilusão de que a Ciência pode “desvelar o mistério da realidade”, esquecendo-se que a ciência é uma atividade humana, que não está pronta desde a eternidade, e que se constitui de acordo com os projetos humanos e com as tradições (Dartigues, 1992).

Tudo se passa como se a racionalização científica só pudesse tematizar o objeto negligenciando os sujeitos existentes, como se o estabelecimento de verdades objetivas deixasse a liberdade humana ainda mais desamparada em suas escolhas e em suas condutas. (op. cit.: 73)

A crise, portanto, acontece na identificação deste divórcio, na tentativa de retornar às coisas mesmas e ao mundo da vida, quer dizer, fazer com que o mundo da Ciência seja o mundo da vida também. A Fenomenologia surge identificando este divórcio e propondo um novo método de se estudar os fenômenos, no qual o retorno às coisas mesmas possa se apoiar — o **método fenomenológico**. Ressalta-se aqui, que tal proposta surgiu no âmbito da Filosofia e não da Ciência, mas de uma filosofia que se dispunha a ser científica.

Portanto, no que diz respeito à Filosofia, pode-se dizer que nas questões filosóficas do homem

moderno está a crítica à metafísica, isto é, às referências de leis fundamentais do universo. Não apenas devido ao pensamento kantiano que nega a metafísica como ciência tradicional, mas ao próprio momento de ceticismo que tais questões surgem. Diferentemente do homem da Antiguidade e da Idade Média, que tinha como base para o seu pensamento o religioso e a fé, o homem moderno desconfia e se desinteressa pelas discussões e soluções metafísicas para os problemas humanos. Esta desconfiança e desinteresse são intensificados pela crescente consciência da relatividade histórica das posições filosóficas (Stegmüller, 1977).

É com base nessa posição não-metafísica de suas questões que surge com maior intensidade a necessidade de uma consciência de um mundo problemático e misterioso, no qual é também preciso afirmar claramente de que forma o homem encara os problemas econômicos, políticos, sociais e culturais, já que a fé e o conhecimento não o satisfazem. O que se torna urgente é a necessidade de uma clareza das decisões práticas. É nesse contexto que surgem as filosofias contemporâneas, dentre elas os pensamentos existencialistas, que descrevem a problemática existencial, podendo apontar para o homem um caminho para o absoluto, sem se apoiar num dogma religioso ou sistema metafísico; e também para o aspecto da existência humana em sua dimensão particular, individual e concreta.

Fenomenologia: pressupostos teórico-filosóficos e relação com a Psicologia

A relação entre Psicologia e Filosofia pode ser inicialmente compreendida a partir de uma citação de Bicudo & Martins (1989: 91):

A Fenomenologia surge como uma Filosofia interessada em estudar os procedimentos conscientes dependentes de objetivos universais, tais como aqueles existentes na Matemática e na Lógica. Inicia-se com a tentativa de descobrir um modo verdadeiramente filosófico de estudar a consciência que era redutível à Psicologia. Mas logo que se inicia a elaboração de uma Filosofia da consciência, fenomenólogos como

Merleau-Ponty chegaram à constatação de que havia nessa Fenomenologia, essencialmente filosófica, grandes possibilidades para a prática nas Ciências Humanas, especificamente na Psicologia.

A Fenomenologia surgiu como tentativa de vencer dificuldades dos pensamentos filosófico e científico. Husserl a considerou um *positivismo superior*. Asti-Vera (1979) afirma que “*a Fenomenologia é uma superação do positivismo que conduziu à coisificação do homem*” (p.77), enquanto Campos (in: Boris, 1994) entende que a Fenomenologia tenta ultrapassar as experiências reais, quando atém-se à essência das experiências: ela descreve as experiências mentais e seus objetivos tais como se apresentam à consciência humana.

O *retorno às coisas mesmas* tem justamente este sentido: o de encontrar a essência dos fenômenos tal como manifestados na consciência, passível de ser alcançada pela compreensão da relação do homem com o mundo. A consciência, neste caso, é entendida como sendo sempre consciência de alguma coisa; é sempre intencional. A tarefa da Fenomenologia, portanto, é analisar as vivências intencionais da consciência, para compreender como os sentidos são produzidos.

A *análise intencional* nos faz conceber consciência e objeto como inseparáveis, posto que apenas existe *objeto* enquanto voltado para a *consciência*, e esta apenas é consciência enquanto consciência de algo. Reconhece-se, assim, que o mundo e o sujeito não são, respectivamente, nem exterioridade nem interioridade. A intencionalidade funciona como uma regra correlacional, indicando que algo está ligado a algo. Aqui constitui-se a relação *noésete-noema*, ou seja, a atividade da consciência e o objeto constituído por essa atividade (Dartigues, 1992).

Considerando o caráter intencional da consciência, Boris (1994) argumenta, respaldando-se em Angerami (1985), que a *essência* da consciência é sempre o termo de uma direção: “*as essências não têm existência alguma fora do ato da consciência que as visa e do modo sob o qual esta as apreende*

na intuição” (p.23). A *intuição* (da essência) é que possibilita uma compreensão *a priori* do ser.

Contudo, esta compreensão se processa antes de qualquer reflexão, porque diz da experiência direta, do envolvimento pré-reflexivo da consciência com o objeto. A pré-reflexão, desta forma, constitui um dos requisitos básicos para se aplicar o *método fenomenológico*. Para isso, é preciso que se ponha fora de ação a(s) crença(s) na realidade do mundo, a fim de se permitir o alcance do *eidós*. Isso vem a ser o que Husserl denominou de *epoké* (redução eidética). A volta às coisas mesmas pressupõe também uma colocação *entre parênteses* de todo conhecimento científico: “*para que possamos redescobrir a experiência primitiva em toda a sua riqueza*” (Rezende, 1990:36).

Esta é uma das principais diferenças entre a Fenomenologia e as demais formas de produzir conhecimento. A Fenomenologia constitui basicamente uma filosofia *indutiva*, uma filosofia da experiência, anterior a qualquer explicação científica, quer seja psicológica, sociológica ou historicista. Contudo, a partir do momento em que ela tenta compreender as várias ciências, possibilita-se um diálogo com as mesmas e com as filosofias (Rezende, op.cit).

Um diálogo, pois ela não se apresenta pronta e acabada, daí não poder sustentar verdades inabaláveis. “*O seu inacabamento e o contínuo prosseguimento de sua marcha são inevitáveis, pois ela pretende desvendar a razão e o mundo, e estes não são um problema, mas constituem um mistério*” (Forghieri, 1993: 21).

O que caracteriza a Fenomenologia, portanto, é sua constante meditação sobre o homem em relação com o mundo. Pretende, assim, uma compreensão do sentido humano dos fenômenos estudados. Não se trata de alcançar uma objetividade absoluta, mas de comunicar, com dados objetivos, uma maneira de ser do homem no mundo. Pertence, neste sentido, às disciplinas *eidético-concretas*, propondo-se descrever as essências das vivências humanas (Dartigues, 1992; Forghieri, 1993).

Dentre as Ciências Humanas que podem lançar mão da Fenomenologia como forma de conhecer a relação do homem com o mundo, situa-se a

Psicologia. Giorgi (1978), expondo uma abordagem fenomenológica da Psicologia, defende que ela, como ciência humana, deve pressupor uma fidelidade ao fenômeno do homem como pessoa, uma preocupação especial para com os fenômenos singularmente humanos e uma primazia das relações.

Giorgi (1978), assim como Merleau-Ponty (1988), Dartigues (1992), Forghieri (1993) e Boris (1994), pensa a Fenomenologia como uma metodologia de compreensão nas ciências humanas, principalmente na Psicologia, porque esta, ao estudar os fenômenos psíquicos humanos tendo por base a relação homem-mundo, nem é indutiva, em um sentido empirista, nem reflexiva, em um sentido filosófico tradicional. "*O conhecimento psicológico é reflexão e ao mesmo tempo vivência; é conhecimento que pretende descobrir a significação, no contato efetivo do psicólogo com sua própria vivência e com a de seus semelhantes*" (Forghieri, 1993: 22).

Isto pressupõe que o psicólogo seja alguém que coexista no mundo com o sujeito que ele tenta compreender, não devendo haver separação entre suas experiências e as do sujeito de seus estudos. A compreensão de uma Psicologia de inspiração fenomenológica, segundo Dartigues (1992), parte do encontro entre duas intencionalidades: a consciência cognoscente (o psicólogo) e a consciência a conhecer (sujeito objeto do conhecimento).

O envolvimento existencial do psicólogo com seu objeto de estudo, com base em uma atitude pré-reflexiva, é que possibilitará uma compreensão mais aproximada do fenômeno. A Psicologia existencial-fenomenológica não busca a essência, como o pretendia a filosofia husserliana, mas procura apreender o significado da vivência para o sujeito em sua imediaticidade, considerando que a experiência desse sujeito é passível de compreensão porque faz parte de uma realidade compartilhada entre ele e o psicólogo, mesmo que experienciada de diferentes maneiras.

Com base neste envolvimento experiencial pode-se refletir sobre a experiência e, através de sua tematização, comunicá-la ao universo científico. Isto significa que o psicólogo "*que trabalha fenomenologicamente orienta-se por um sentido, isto é, pelo conhecimento imediato, intuitivo, lógico que*

tem do fenômeno a ser investigado" (Bicudo & Martins, 1989: 93), elaborando depois um conhecimento científico sobre este fenômeno. Isso quer dizer que ele busca, em primeiro lugar, um contato direto com a realidade que procura, com o fenômeno, para dizer esse fenômeno no âmbito do diálogo científico.

Conclusões

Tentar compreender a realidade humana, e daí extrair conhecimento, exige um esforço e uma perspicácia do cientista. Seus recursos para produzir idéias a respeito do homem são diversos diante de tantos fatos que ocorrem no mundo. Contudo, são escassos, quando sua pretensão é ir além de sua própria subjetividade e encontrar-se com a subjetividade do outro. A subjetividade tem múltiplas possibilidades de ser e é esta multiplicidade que impede a objetividade empírica da ciência (respaldada pelo controle sobre os fatos), subtraindo a onipotência do conhecimento.

Tem-se, assim, um comprometimento com o humano, *demasiado humano*, como nos diria Nietzsche, e isto exige um tatear em torno das experiências, da vida e de tudo aquilo que caracteriza a subjetividade. Passar a compreender esta subjetividade constitui um desafio que requer habilidades anteriores ao conhecimento *per si*, e de onde este será apenas um resultado. Um resultado que, mesmo significativo para o desenvolvimento da Ciência, não tem tanta força como a cadeia de significados que envolve o ser humano e que permite que cada apreensão nova corresponda a novos conhecimentos produzidos.

Este é um desafio a que se propõe um cientista de inspiração existencial-fenomenológica. Para estudar o humano, ele busca compreender a particularidade dos fenômenos que estuda. Sua produção de conhecimento não constitui uma verdade inabalável, ou seja, ela não é tida como uma realização onipotente da Ciência, mas constitui uma verdade *transitória*, que somente terá validade até o ponto em que encontrar nela um significado existencial. Quando a vida ultrapassa esse momento transitório, tudo é passível de uma nova compreensão e a produção do

conhecimento científico deve estar a serviço de seus novos significados.

Isto caracteriza a pesquisa existencial-fenomenológica numa perspectiva processual. A própria Fenomenologia, assim como a concebia Husserl, e o próprio existir humano, por estar sempre se renovando, são os determinantes deste desdobramento do conhecimento científico de inspiração existencial-fenomenológica.

A pesquisa fenomenológica está dirigida para significados, ou seja, para expressões claras sobre as percepções que o sujeito tem daquilo que está sendo pesquisado, as quais são expressas pelo próprio sujeito que as percebe. Ao se concentrar nos significados, o pesquisador não está preocupado com os fatos, mas com o que os eventos significam para os sujeitos da pesquisa (Bicudo & Martins, 1989: 93).

Sendo, também, ele próprio, um sujeito da pesquisa, sua consciência não se volta apenas para os fatos do mundo. A significação buscada transparece no encontro de suas vivências com as vivências do(s) outro(s) sujeito(s). É aí que a objetividade científica fundamenta-se na intersubjetividade (Augras, 1994).

No que concerne à Psicologia existencial-fenomenológica, este caminho é percorrido num contínuo esforço do pesquisador de engedrar-se em sua totalidade de existência diante do fenômeno investigado.

Portanto, a produção científica do psicólogo existencial-fenomenológico é uma tentativa de retornar às coisas mesmas, voltar àquilo que de mais original há nele mesmo e de onde o conhecimento científico será o resultado; e é justamente o embasamento filosófico de seus trabalhos que respalda sua visão de mundo e, conseqüentemente, sua postura científica diante da produção de conhecimento, ao enfatizar uma constante abertura ao devir dos significados do existir humano.

Referências

- ASTI-VERA, A. *Metodologia da Pesquisa Científica* (5ª edição). Porto Alegre: Globo, 1974 (original argentino de 1968).
- AUGRAS, M. *O Ser da Compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico* (4ª edição). Petrópolis: Vozes, 1994.
- BICUDO, J. & MARTINS, M.A.V. *A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Editora Moraes, 1989.
- BORIS, G. D. J. B. "Noções Básicas de Fenomenologia". In: *Insight Psicoterapia*, No. 46. São Paulo: Lemos, dez. 1994, pp. 19-25.
- DARTIGUES, A. *O que é a Fenomenologia* (3a. edição). São Paulo: Editora Moraes, 1992 (original francês sem indicação de data).
- FORGHIERI, Y.C. *Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa*. São Paulo: Pioneira, 1993.
- GIORGI, A. *A Psicologia como Ciência Humana: uma abordagem de base fenomenológica*. Belo Horizonte: Interlivros, 1978 (original americano de 1970).
- MARTINS, J. "Contribuição da Fenomenologia para a Psicologia II". In: *Boletim do Programa de Mestrado em Psicologia da Educação*. São Paulo: PUC-SP, Nº 4, 1984.
- MERLEAU-PONTY, M. *Merleau-Ponty na Sorbone: resumo de cursos de psicossociologia e filosofia (1949-1952)*, Campinas: Papyrus, 1990. (original francês de 1988).
- REZENDE, A.M. de *Concepção Fenomenológica da Educação*. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1990 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v.38).
- STEGMÜLLER, W. *A Filosofia Contemporânea*. São Paulo: EDUSP, 1977.